

a farsa dos

'DOIS IMPERIALISMOS'





Personalidades e forças políticas que fogem a uma clara definição ideológica puseram na moda a expressão ambígua "os dois imperialismos". Falam também muito da divisão do mundo entre as "as duas superpotências", estabelecendo a confusão entre dois sistemas mundiais não só diferentes mas opostos: o socialismo e o imperialismo.

É verdade que a União Soviética e os Estados Unidos são os dois países mais poderosos do mundo no campo económico e militar. Mas o recurso a esse jogo de palavras visa, quase sempre, ocultar o verdadeiro significado do imperialismo e, por tanto, as causas reais do atraso dos países que são vítimas da exploração e das agressões imperialistas.

QUEM SUSTENTA A TEORIA DAS "DUAS SUPERPOTÊNCIAS"
OU DOS "DOIS IMPERIALISMOS" ?

Por um lado, os teóricos do capitalismo alimentam a tese de "duas superpotências", colocando a URSS e os EUA no mesmo plano, para reduzir o fenómeno do imperialismo a uma mera questão de força; por outro, os esquerdistas, servindo-se em bora desta "teoria", tentam, pelo contrário, equiparar todo o poderio ao imperialismo.

Partindo embora de pontos opostos, uns e outros cumprem assim uma única e mesma tarefa: dar uma falsa interpretação do nosso mundo e das vias do seu desenvolvimento. Deste modo, desorientam premeditadamente os que partiram em busca da liberdade e da justiça, desviando a sua atenção do inimigo natural e alvo principal da sua luta.

A QUEM SERVE O DISPARATE "TEÓRICO" DA NEGAÇÃO DA CONTRADIÇÃO FUNDAMENTAL DA NOSSA ÉPOCA: A LUTA ENTRE O CAPITALISMO E O SOCIALISMO

A luta entre o capitalismo e o socialismo constitui a principal contradição dos nossos dias. Mas os autores da "teoria" das "duas superpotências" reduzem as contradições sociais do mundo a uma mera competição de cariz "nacional" entre os dois maiores países. Desapareceria assim a essência capitalista dos Estados Unidos e o carácter socialista da União Soviética; já não haveria luta de classes entre o mundo do trabalho e o mundo do capital, mas apenas luta entre os mais fortes pela conservação e a redistribuição das esferas de influência.

É neste engodo que caem com frequência aqueles para quem toda a história do passado se reduzia à prática colonial, quando a força traz consigo a injustiça e entre o poderio e a injustiça existe sempre o sinal de igualdade.

Todavia, entre o poderio dos maiores países do mundo, a URSS

e os EUA, existe uma diferença de princípio. Se os Estados Unidos obtiveram a sua força sugando "o sangue fresco da manada" no império do "business" e reduzindo à impotência pela coacção os seus parceiros mais fracos, a União Soviética alcançou a sua força pelo caminho do trabalho, dos sacrifícios e das privações. Colocando as riquezas do país ao serviço de todo o povo, privando as camadas parasitas da sociedade da vida fácil que levavam à custa dos trabalhadores, os soviéticos construíram a sua indústria pesada sacrificando uma geração inteira com o não acesso aos benefícios das indústrias ligeiras e dos tempos livres. Os soviéticos sofreram na carne a edificação do seu poderio. Por isso defendem a liberdade no combate contra o imperialismo internacional que os tentou sufocar pela guerra, primeiro, e pelo bloqueio económico, depois.

Conseguiram vencer graças à força dos homens libertos da exploração e graças à sociedade liberta da opressão. Esta força, várias vezes multiplicada, transformou-se, 30 anos depois, num poderio que o imperialismo internacional e a sua principal força, os Estados Unidos, são obrigados a ter em conta. SÃO OBRIGADOS. Nestas palavras se encerra a resposta a todos os porquês sobre a normalização das relações soviético-norte americanas. Perante a potência crescente da URSS e de todos os países socialistas, os EUA são obrigados a ter em conta as iniciativas de paz da União Soviética, são obrigados a concluir acordos sobre a restrição das armas estratégicas. A coexistência pacífica, como única alternativa para a vida humana no século nuclear, só começou a ser compreendida pela América quando viu na URSS um rival de igual potência. Nestas condições, os Estados Unidos foram obrigados a reduzir o seu apetite imperialista no Mar das Caraíbas, no Vietname, no Médio-Oriente, noutras regiões do globo.

Quando se fala sobre as "superpotências", esquece-se por vezes que cada poderio tem as suas origens e os seus próprios pontos de orientação. A força da URSS não está no poderio dos monopólios que conseguiram encontrar a forma mais racional de exploração. A força da URSS é a confiança do operário no dia de amanhã, é a segurança do camponês de que terá alimento mesmo nos anos de má colheita, é o entusiasmo da juventude, ganha pelo espírito de descoberta e não pelo espírito de ganância.

Todo aquele que conheça, um pouco que seja, a América e a União Soviética dos nossos dias, sabe que colocar a URSS e o EUA no mesmo plano significa eliminar a diferença radical que existe entre o socialismo e o imperialismo, entre a sociedade do trabalho livre e a sociedade da exploração.

Perguntem a um vietnamita o que pensa ele sobre as duas superpotências; responder-vos-á certamente que os Estados Unidos são os tanques e aviões que vieram bombardear barragens e escolas e a União Soviética são os mísseis com os quais o seu país derrubou os bombardeiros americanos.

Perguntem aos povos árabes que pensam eles sobre as superpotências; responder-vos-ão que os Estados Unidos são os tanques americanos com os quais os agressores israelitas invadiram aldeias pacíficas e a União Soviética é a barragem do Assuão que fornece água aos campos do felah.

Façam essa pergunta a um cubano, e ele vos responderá que o EUA são a agressão em Playa Giron e o bloqueio económico, e a URSS as armas da independência da revolução cubana. E se tiverdes tempo, ele citar-vos-á Fidel Castro:

"Como se pode chamar potência imperialista à União Soviética? Onde estão os seus monopólios? Onde es-

tá a sua participação nas companhias multinacionais? Que indústrias, minas, empresas de extração, de petróleo, possui ela nos países em desenvolvimento? Que trabalhador é explorado pelo capital soviético neste ou naquele país da Ásia, África ou América Latina? "

(...)

"Qualquer tentativa de opor os países não-alinhados ao mundo socialista é profundamente contra-revolucionário e vai exclusivamente favorecer os interesses imperialistas; inventar um falso inimigo não pode ter senão um único objectivo: desviar as atenções do verdadeiro inimigo."

E, se ainda vos restarem dúvidas, façam ainda a mesma pergunta a um chileno, a um angolano ou a um guineense. Todos eles vos dirão quem é o seu inimigo e quem é principal aliado dos seus povos na luta contra o fascismo, o colonialismo, o neo-colonialismo e o racismo.

O poderio cada vez maior da URSS, tanto no campo militar e económico, é a maior garantia da manutenção da paz no mundo, evitando a guerra termonuclear, mas é principalmente a garantia das transformações sociais que se realizam por todo o mundo até à vitória do socialismo em todos os países do nosso planeta.

"É impossível viver sem luta quando se ama a liberdade e a justiça. Da posição que se ocupa nessa luta depende quem são os amigos e os inimigos. Nós, soviéticos, orgulhamo-nos de possuir verdadeiros amigos e autênticos inimigos, tal como deve acontecer nas barricadas da luta revolucionária.

V. Lomeiko "



edição UEC-IST

Preço : 1\$50